

SACERDOTES E PROFETAS – UMA RELAÇÃO TUMULTUADA

Pr. Isaltino Gomes Coelho Filho, para a Faculdade Teológica Batista do Paraná

A religião do Antigo Testamento está estruturada sobre sacerdotes e profetas, mas uma leitura um pouco atenta nos mostra que o relacionamento entre os dois nem sempre foi bom. Ambos tratavam do fenômeno “religião”, mas estiveram em campos opostos, em boa parte dos relatos. Temos a figura de Moisés, que exerce os papéis de profeta e do sacerdote, não em termos de oferecer sacrifícios, mas mediando o relacionamento entre Deus e o homem. Temos, ainda, Samuel, que exercia os dois ofícios. Mas vemos o profeta Isaías com críticas contundentes aos sacerdotes de sua época. O capítulo 1 de seu livro não menciona a classe, mas ela está subentendida. Há um choque muito forte de Jeremias com os sacerdotes. O clímax da oposição entre as duas classes está em Amós 7.10-17, com Amazias, sacerdote de Betel, e Amós profeta de Iahweh.

No início, a função sacerdotal era a de mediar o relacionamento entre Deus e o homem. A função do sacerdote foi pedida pelo próprio povo. Lemos em Êxodo 20.18-19: “Vendo-se o povo diante dos trovões e dos relâmpagos, e do som da trombeta e do monte fumegando, todos tremeram assustados. Ficaram à distância e disseram a Moisés: "Fala tu mesmo conosco, e ouviremos. Mas que Deus não fale conosco, para que não morramos”. O povo reconheceu a necessidade de um intermediário da comunicação entre o divino e o humano. O sacerdotalismo em Israel pode ser datado a partir daqui.

Esta intermediação tinha mão dupla, uma ascendente e outra descendente. Na ascendente, o sacerdote levaria os pedidos humanos a Deus. Era o seu papel de intercessor. Na descendente, o traria a palavra de Deus aos homens. Era o seu papel de proclamador. Foi assim no episódio em que o povo pediu que Moisés fosse o intermediador. Ele trouxera os dez mandamentos. No entanto, três questões desviaram o sacerdote desta função tão relevante.

A primeira foi que ele se tornou, prioritariamente, o homem do culto, da liturgia, do ofício religioso dentro de um prédio. Deus escolheu o complexo simbolismo dos sacrifícios, que exigiam muita preparação, paramentação, arranjos, etc. O sacerdote se tornou o homem do templo, do culto e da liturgia e passou a viver em função disto. O templo aprisionou a religião. O sacerdote ritualizou a religião.

Levítico mostra que complexidade alcançou o sistema sacrificial. Uma questão aqui é que o símbolo se tornou mais valioso que a mensagem que pretendia transmitir. O símbolo é a linguagem sem palavras. Ele tem um impacto que as palavras não conseguem ter. No entanto, ele não é a coisa em si, mas apenas uma representação. Só que o sacerdote se tornou mais preso à representação do que à mensagem que ela transmitia. O hebraísmo, primeiro, e depois o judaísmo, desdobramento posterior do hebraísmo, se tornaram presas do culto e do ritual. Esdras faz uma reforma. Na realidade, é com Esdras que o judaísmo se torna uma religião normatizada por um livro. A reforma de Esdras é uma tentativa de recuperar o valor da palavra sobre o símbolo. Neemias 8 tem sido visto por alguns estudiosos como o nascimento do judaísmo: “Quando chegou o sétimo mês e os israelitas tinham se instalado em suas cidades, todo o povo juntou-se como se fosse um só homem na praça, em frente da porta das Águas. Pediram ao escriba Esdras que trouxesse o Livro da Lei de Moisés, que o SENHOR dera a Israel. Assim, no primeiro dia do sétimo mês, o sacerdote Esdras trouxe a Lei diante da assembléia, que era constituída de homens e mulheres e de todos os que podiam entender. Ele a leu em alta voz desde o raiar da manhã até o meio-dia, de frente para a praça, em frente da porta das Águas, na presença dos homens, mulheres e de outros que podiam entender. E todo o povo ouvia com atenção a leitura do Livro da Lei. O escriba Esdras estava numa plataforma elevada, de madeira, construída para a ocasião. Ao seu lado, à direita, estavam Matitias,

Sema, Anaías, Urias, Hilquias e Maaséias; e à esquerda estavam Pedaías, Misael, Malquias, Hasum, Hasbadana, Zacarias e Mesulão. Esdras abriu o Livro diante de todo o povo, e este podia vê-lo, pois ele estava num lugar mais alto. E, quando abriu o Livro, o povo todo se levantou. Esdras louvou o SENHOR, o grande Deus, e todo o povo ergueu as mãos e respondeu: "Amém! Amém!" Então eles adoraram o SENHOR, prostrados, rosto em terra" (8.1-6). Esdras conseguiu um avivamento pela Palavra. A Torá voltou a ser ensinada ao povo. Esta era a função do sacerdote. Ele devia ensinar a palavra de Deus aos homens. Deveria ser o homem da Torá, mas se tornou um homem do rito.

A reforma de Esdras não vingou. Não deixou um modelo. Mais tarde, o rito prevaleceu sobre a Palavra, mais uma vez. O esforço de Esdras foi dissolvido. Os homens do rito venceram. O problema não é o rito. O rito pode ser bom e transmitir vida. O problema é a supervalorização do rito. Ele não substitui a Palavra de Deus. O rito é uma forma de expressar as grandes verdades de Deus, mas a forma não pode se sobrepor ao conteúdo.

Quando Jeroboão dividiu o reino unido de Israel em dois, Israel no norte e Judá, no sul, ficou com um problema religioso nas mãos. O templo ficou em Judá, mais precisamente em Jerusalém. Ali ficou a Torá. Jeroboão logo fez dois bezerros de ouro. Diz-nos 1Reis 12.26-30: "Jeroboão pensou: "O reino agora provavelmente voltará para a dinastia de Davi. Se este povo subir a Jerusalém para oferecer sacrifícios no templo do SENHOR, novamente dedicarão sua lealdade ao senhor deles, Roboão, rei de Judá. Eles vão me matar e vão voltar para o rei Roboão". Depois de aconselhar-se, o rei fez dois bezerros de ouro e disse ao povo: "Vocês já subiram muito a Jerusalém. Aqui estão os seus deuses, ó Israel, que tiraram vocês do Egito". Mandou pôr um bezerro em Betel, e o outro em Dã. E isso veio a ser um pecado, pois o povo ia até Dã para adorar aquele bezerro". Foi assim que Israel, o norte, se envolveu com a idolatria. Eis a mentalidade de Jeroboão: se não temos a Palavra, tenhamos rito. Isto é bastante revelador. As chamadas "escolas de profetas" surgiram no Norte, em Israel, onde não havia o templo. Este, com a arca onde havia as tábuas com os dez mandamentos, ficou no Sul. Houve uma tentativa de formar profetas para substituir a ausência da Torá.

É possível prender-se tanto aos símbolos que esqueçamos seu peso. A atitude desrespeitosa dos filhos de Eli mostra como alguém pode se valer dos símbolos, viver no meio deles, sem ter respeito por eles. Pastores devem ter cuidado com a familiaridade que têm com certos símbolos que nos são caros. Deve haver profundo respeito pela Bíblia e pela igreja local. Nada de piadas que deslustrem a Bíblia ou a alguma figura bíblica respeitável. Já vi piadas nojentas envolvendo o nome de Jesus. E as pessoas que as contaram achavam tudo normal. Pior que o pecado foi a dureza de coração em não reconhecer a blasfêmia.

Cuidado também com o aprisionamento da religião. O evangelho, na mente de muitos, é algo que se vive num determinado dia, num determinado lugar, sob o comando de determinadas pessoas. É o sacerdotalismo, que vem desde o pastor que se julga possuidor de um munus pessoal (só ele pode fazer a oração que quebra maldição, só ele pode isso ou aquilo) até o rapazinho deslumbrado que acha que só ele é que consegue fazer o povo louvar a Deus, que louvor só acontece na hora em que ele põe um microfone na boca e faz um ar beatífico. Cuidado com quem se julga possuidora de Deus ou de aspectos da verdade de Deus. Sua visão está equivocada. Cuidado com a postura imperial de se presumir que "meu jeito é o certo e fora dele tudo está errado". Desde o tradicionalista, que não aceita inovações, até o copiador de tudo que se faz, que pensa que está muito atualizado e que os outros pararam no tempo. A ritualização da religião produz estas coisas.

A segunda questão decorreu da primeira: a institucionalização da religião. Quando a forma prevalece sobre o conteúdo temos a institucionalização da religião. Este processo de institucionalização não é gerado apenas pela valorização da forma. Acontece também quando uma

casta se apossa da religião, precisa mantê-la em suas mãos, e para isso cria mecanismos de controle da religião, para evitar a ascensão do povo. O sacerdotalismo católico se apossou da religião, manteve o povo afastado e refém de seu poder. A Reforma de Lutero foi uma quebra deste monopólio, redescobrimo o sacerdócio universal de cada crente. Aliás, foi a redescoberta do cristianismo, pois este quebrou o sacerdotalismo judaico e o monopólio da classe sacerdotal. Os choques de Jesus com os detentores da religião oficial, escribas e sacerdotes, foram constantes. Mas voltemos aos sacerdotes e profetas do Antigo Testamento. Um fenômeno comum nas pessoas que lidam com religião, ministrando-a às pessoas, é a sensação do poder. Esta forma de poder, que Galbraith chamou de “poder compensatório” é uma das mais terríveis, porque leva a manipular pessoas em nome de Deus. Quanto ao detentor de poder, leva-o à soberba no relacionamento com os homens, e na maneira de se portar diante de Deus. Nas declarações de alguns líderes religiosos e até mesmo de pregadores do evangelho se pode ver que alguns deles acreditam, seriamente, que sem eles Deus estará em apuros. Gente doente.

Transformando a religião em rito, o encontro com Deus em um encontro no seu espaço e sob sua coordenação, o sacerdote passou o porta-voz da religião oficial, e, por extensão, o porta-voz de Deus. A insensibilidade dos profetas condenados por Isaías e Jeremias e a dureza do coração de Amazias mostram como a religião pode deixar de ser vida e ser apenas uma instituição mecânica.

Creio que profeta algum foi tão preciso na condenação dos sacerdotes como Malaquias. A situação chegou a um ponto tal que Iahweh declarou que preferia que o culto não acontecesse mais. Lemos em 1.9-10: "E agora, sacerdotes, tentem apaziguar Deus para que tenha compaixão de nós! Será que com esse tipo de oferta ele os atenderá?", pergunta o SENHOR dos Exércitos. "Ah, se um de vocês fechasse as portas do templo! Assim ao menos não acenderiam o fogo do meu altar inutilmente. Não tenho prazer em vocês", diz o SENHOR dos Exércitos, "e não aceitarei as suas ofertas". A institucionalização é a transformação da religião em matéria de gestos, palavras, ritos, e seu confinamento a um lugar. Ela mumifica o relacionamento com Deus. Ela acaba com a vida.

Isto deve nos alertar. Os batistas somos altamente institucionalistas. Num artigo intitulado “Cristianismo ou igrejismo?” falei da maldição dos arquivos. Mostrei-os como símbolo da burocracia e falei da burocracia no culto. Do culto rotineiro, burocrático, mais para perpetuar formas e esquemas do que para transmitir vida. Quantas vezes vemos isto: uma comunidade está passando por uma fase em que deveria refletir seriamente sobre o que se passa com ela. Mas aquele domingo é a data tal no nosso calendário. Há a programação da revista que deve ser cumprida. Temos que abordar aquele assunto específico. Não vou detalhar questões aqui para não ferir suscetibilidades, mas chamo a atenção para o problema desta postura institucionalista: “o evangelho só pode ser vivido desta maneira que nós explicitamos”. Alguns cultos em algumas igrejas nossas são muito enfadonhos. Preguei numa, certa vez, em que a coisa correu assim: chamada das classes e leitura do relatório da EBD. Cada classe recitava um versículo e se lia seu relatório. Quase dez minutos num negócio enfadonho, com todo mundo desligado. No culto, cantamos um hino, apenas, e tivemos vários anúncios. Todo mundo desligado e já cansado. Depois a mensagem. Com todos, inclusive eu, o pregador, cansados. Era o modelo de quando me converti, há 40 anos! Não houve espaço para louvor, proclamação, orações, nada. Havia um esquema a cumprir.

Eu era Presidente da Convenção Batista do Amazonas e fui a uma reserva indígena para a recepção da 1ª Igreja Batista Indígena Saterê. Uma hora de vôo, um dia de barco e umas sete ou oito horas de voadeira. Uma senhora de Manaus ficou muito interessada. Mais uma igreja no campo! Que bom se ela pudesse ir para organizar União Feminina e Mensageiras do Rei. Para uma igreja composta de 40 índios! É a institucionalização. Tudo já está definido e a única maneira de viver o evangelho e viver o reino de Deus é da forma como a elite determinou.

Vejamos a terceira questão. O sacerdote se corrompeu. Vendeu-se ao poder político. Isto é quase que uma decorrência da anterior. Ele não vivia de relacionamento com Deus, mas vivia como guarda de símbolos, que podem ser coisas sem vida. Mais tarde, Amazias, sacerdote a serviço de Jeroboão II, tem um problema com Amós. Lemos em Amós 7.10-12: “Então o sacerdote de Betel, Amazias, enviou esta mensagem a Jeroboão, rei de Israel: "Amós está tramando uma conspiração contra ti no centro de Israel. A nação não suportará as suas palavras. Amós está dizendo o seguinte: 'Jeroboão morrerá à espada, e certamente Israel irá para o exílio, para longe da sua terra natal' ". Depois Amazias disse a Amós: "Vá embora, vidente! Vá profetizar em Judá; vá ganhar lá o seu pão.”. Aqui, o choque entre o sacerdote e o profeta se torna bem agudo. E o mais trágico nesta história não é a expulsão de Amós por um sacerdote vendido. É como Amazias tratou a Amós: “vai-te, ó vidente”. O termo não era depreciativo. O termo hebraico é *hozeh*, que está ligado ao verbo “ver”. Um sentido mais literal seria “clarividente”. Amazias entendia que Amós via as palavras de Deus (e via mesmo, como lemos em 7.1, 8.1 e 9.1), mas mesmo assim foi rebelde a elas. Ele era o homem do rito. É impressionante que Amazias soubesse que Amós tinha este tipo de relacionamento especial com Deus, a ponto de “ver” suas palavras, e se opusesse a ele. É possível uma pessoa se tornar tão endurecida que venha a agir assim.

Isto é uma advertência muito séria para nós. Podemos valorizar tanto o rito e o culto que eles se tornam nossa maior preocupação. O momento de louvor se torna mais importante que o ouvir a Palavra. Aliás, muita gente ligada ao louvor nem Bíblia leva para a igreja e acompanha o sermão com indisfarçável enfado. Ouvir Deus é mais importante do que falar a Deus. Porque ele sabe o que pensamos sem que haja palavras em nossa boca. Mas nem sempre queremos ouvi-lo e aí ficamos sem saber como agir. Mas, em síntese, o choque entre o profeta e o sacerdote é o choque entre a religião institucionalizada, tornada matéria de ritos e a serviço de uma classe, e a Palavra viva de um Deus vivo. É o choque entre o homem que vê seus interesses pessoais e o homem que procura servir a Deus.

Há outra questão aqui. Quando a religião se envolve com o poder político, perde sua autenticidade. Protestantes alemães saudaram a subida de Hitler ao poder. O Vaticano abençoou Mussolini na sua guerra contra Abissínia. Frei Betto, guru da engraçada esquerda brasileira, justificou o fuzilamento de dissidentes em Cuba. O poder político manipula a religião, e depois se descarta dela. Devemos ter consciência política, mas não podemos colocar nossa fé a reboque de sistemas políticos. Todos eles são arranjos humanos, frágeis e mutáveis.

Bem, falamos do sacerdote, do sacerdotalismo, da institucionalização da religião. Onde entra o profeta? Ele entra como uma reação à institucionalização. Tirando-se Deuteronômio 18.15, a Lei não abriu espaço para o surgimento do profetismo, que já era uma prática comum no Oriente antigo, e até mesmo anterior ao surgimento de Israel como nação. Moisés fala de um profeta semelhante a ele. A passagem se tornou messiânica no judaísmo. Estava com esta conotação na mente dos contemporâneos de Jesus, como vemos na pergunta feita a João: “Perguntaram-lhe: "E então, quem é você? É Elias?" Ele disse: "Não sou". "É o Profeta?" Ele respondeu: "Não" (Jo 1.21). O texto aludia mais a um novo Moisés do que ao profetismo como instituição. Na realidade, se o sacerdote proclamasse a Torá e a ensinasse ao povo, o profeta seria desnecessário. O profetismo surgiu em reação à institucionalização da religião e da corrupção do sacerdote, e do conseqüente vazio que logo se formou. O profetismo surgiu para preencher um vazio espiritual e teológico. Aliás, isto deve nos advertir. Vazios espirituais e teológicos sempre são preenchidos. Negue-se espiritualidade ao povo, dê-se-lhe forma em vez de vida, e ele se sentirá vazio e procurará algo para preenchê-lo. Nem sempre de forma sadia. Muito da esquisitice e bizarria do cenário evangélico contemporâneo se deve ao fato de que nós também embalsamos a religião, em muitas vezes. O povo quer vida e não rito. Forma não alimenta, e sim conteúdo. A ironia disto é que muito do baixopentecostalismo, que surgiu por causa do vazio deixado pelo ritualismo em que muito da ortodoxia

caiu, se processa em termos de rito, mas de ritos dramáticos, extremamente emotivos, em contraposição ao nosso rito, já meio descorado.

As diferenças entre os dois, sacerdote e profeta, são bastante perceptíveis. O sacerdote se prendia ao templo. Era lá que os ritos aconteciam e era lá que ele aprisionava Deus. O profeta era um homem da rua. A profecia de Isaías 5, por exemplo, deve ter sido proferida em algo parecido com um festival da canção popular, em Israel. O profeta ia onde o povo estava. O sacerdote esperava que o povo o procurasse. Tinha uma espécie de mercado consumidor cativo. O profeta ia ao povo. Aliás, uma tese de Howard Snyder, missiólogo muito competente, tem este título: “A maldição dos templos”. Ele se queixa do aprisionamento do evangelho, impedindo-o de ir às massas carentes.

O profeta impressionava porque era um *free lance*, não estando ligado a nenhuma instituição, nem mesmo ao rei. A palavra de Amós mostra isto, na sua resposta a Amazias: “Amós respondeu a Amazias: “Eu não sou profeta nem pertencço a nenhum grupo de profetas, apenas cuido do gado e faço colheita de figos silvestres. Mas o SENHOR me tirou do serviço junto ao rebanho e me disse: ‘Vá, profetize a Israel, o meu povo’” (Am 7.14-15). Isto garantia uma autenticidade ao seu trabalho.

O sacerdote era o homem do rito, como já foi dito.. O profeta era o homem da voz do Senhor. Amós, por exemplo, tinha a voz de Deus como se fosse um leão rugindo em seus ouvidos: “O leão rugiu, quem não temerá? O SENHOR, o Soberano, falou, quem não profetizará?” (Am 3.8). Oséias tem uma dor emocional terrível, capaz de desestruturar qualquer um. A esposa amada o abandonou e se entregou à prostituição cultual. Ele não tem tempo de chorar sua dor. Vê na tragédia que vive a voz de Deus se dirigindo ao seu povo: “O SENHOR me disse: “Vá, trate novamente com amor sua mulher, apesar de ela ser amada por outro e ser adúltera. Ame-a como o SENHOR ama os israelitas, apesar de eles se voltarem para outros deuses e de amarem os bolos sagrados de uvas passas”(Os 3.1)..

O profeta, a não ser os falsos, que se vendiam, não tinha vínculos com o poder. Isaías foi chamado por Ezequias, mas não estava subordinado a ele. Jeremias não se intimidou com Zedequias. Amós mandou um recado duro a Jeroboão. Estes homens puseram a vontade de Deus acima do poder constituído. Não dependiam de um emprego fixo subvencionado pelo palácio real. Além de pregarem contra a religião deformada, pregaram contra as injustiças sociais patrocinadas pela classe política detentora do poder e legitimada por um sistema religioso que se desviou do caminho. Sua mensagem não foi cooptada pelo templo nem pelo palácio.

Quando analisamos o conteúdo dos profetas, vemos que eles, em essência não pregaram nada novo. Eles pregaram a Torá, na sua essência e na sua espiritualidade. As eventuais predições que surgem em suas mensagens fazem parte do conteúdo de Deuteronômio, em termos de bênção e maldição. Apenas em Deuteronômio elas não são especificadas. Mas sua base está no livro. Desta maneira é possível que o profeta é um reavivador da Torá, função que deveria ter sido desempenhada pelo sacerdote. Outra lição aqui. A Palavra de Deus nunca será aprisionada nem calada. E se uma classe de homens é chamada por Deus para torná-la acessível aos demais homens e não o faz, Deus levantará outra classe.

Vamos a um aspecto prático. Quem devemos ser, o sacerdote ou profeta? Nem um nem outro. E um e outro.

Se ser sacerdote é buscar vantagens, como os filhos de Eli, ou transformar tudo em matéria de rito como os sacerdotes mencionados por Isaías e Malaquias, não devemos ser sacerdotes. Se ser

sacerdote é aprisionar o evangelho entre quatro paredes e ritualizá-lo, não devemos ser sacerdotes. Mas se ser sacerdote é interceder pelo povo, viver diante de Deus com seriedade, e trazer a Palavra de Deus ao povo, como Moisés, então devemos ser sacerdotes. Intercessores e proclamadores, sim. Mumificadores da Palavra, não. Se ser profeta é, como muitos pensam, dirigir improperios a todo mundo sob o manto de “o Senhor me disse”, não devemos ser profetas. “Voz profética” tem sido entendida como sinônimo de “grossura profética”. Se ser profeta é ser mal humorado, rabugento, deblaterando contra todo mundo, não devemos ser profetas. Mas se ser profeta é ser possuído pela Palavra, como Amós, então devemos ser. Não é o rótulo. É a atitude e o sentimento. Neste sentido, que sejamos profetas e sacerdotes dentro dos padrões de Deus. Não precisamos ofertar sacrifícios. O de Cristo resolveu o problema para sempre. Não precisamos trazer revelações adicionais. A Bíblia é um livro completo. Sacerdotes e profetas no sentido de pessoas apaixonadas pela Palavra e pelo dever de aproximar os outros de Deus isto devemos ser. Sejamos assim.